

BENDITA A POESIA ENTRE AS MULHERES E BENDITO O FRUTO DO SEU IMAGINÁRIO

BLESSED ART POETRY AMONG WOMEN, BLESSED IS THE FRUIT OF THY IMAGINARY

Maria do Socorro Pinheiro¹

Resumo: Este texto discute a poesia, dadas as suas especificidades no campo da linguagem, como um gênero que agrega várias outras áreas do conhecimento. Tem como objetivo analisar a lírica feminina e a construção do seu imaginário poético, pondo em evidência a temática erótica, numa perspectiva teórico-metodológico-interpretativa, visando à sua inserção em sala de aula. Para tanto, selecionamos a poesia erótica de três poetisas cearenses: Regine Limaverde, Aila Sampaio e Hermínia Lima, que nos oferece um material poético rico em imagens. Nosso estudo está em consonância com Bosi (1998) Candido (2006) e Pinheiro (2018), ao colocar a poesia numa prática de leitura; com Octavio Paz (1994, 2012), sobre a eroticidade poética e com Bachelard (1988, 2001), que tece as ferramentas necessárias para a compreensão do imaginário poético. A poesia é bendita porque traduz nossa humanidade, sem disfarce, e nos adverte para o sentido da vida, pela escrita de muitas mulheres.

Palavras-chave: Poesia. Mulheres. Imaginário. Leitura. Sala de aula

Abstract: This text discusses poetry, given its specificities in the field of language, as a genre that aggregates several other areas of knowledge. It aims to analyze the female lyric and the construction of her poetic imaginary, highlighting the erotic theme, in a theoretical-methodological-interpretive perspective, aiming at its insertion in the classroom. To do so, we selected the erotic poetry of three poets from Ceará: Regine Limaverde, Aila Sampaio and Hermínia Lima, who offer us poetic material rich in images. Our study is in line with Bosi (1998) Candido (2006) and Pinheiro (2018), when placing poetry in a reading practice; with Octavio Paz (1994, 2012), on poetic eroticity and with Bachelard (1988, 2001), who gives us the necessary tools to understand the poetic imagery. Poetry is blessed because it translates our humanity, without disguise, and warns us of the meaning of life, through the writing of many women.

Keywords: Poetry. Women. Imagery. Reading. Classroom.

¹ Pós-Doutorado em Linguagem e Ensino - POSLE/UFCG. Doutora em Literatura e Interculturalidade - UEPB. Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI/Universidade Estadual do Ceará-UECE e do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras – MIHL/UECE. Membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras - GPEL, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia - IFCE. socorropinheiro2@hotmail.com

Pensar a poesia é pensar na liberdade dos sentidos. É permitir que o imaginário percorra todos os espaços em torno do poético. A poesia está ligada não só ao mundo dos sentimentos, mas a tudo que envolve vida. Desde a primitiva história da humanidade, desde os povos mais antigos com seus mitos, lendas, fábulas, que a poesia se manifesta em diferentes formas de linguagem, seguindo a via dos sentidos e da imaginação, na mobilidade que envolve o fazer poético, não no sentido de formar as imagens, mas no de “deformar as imagens fornecidas pela percepção”, segundo Bachelard (2001, p. 01).

De acordo com Eliot (1991, p. 30) “o impulso concernente ao uso literário das linguagens começa com a poesia. E isso parece absolutamente natural quando percebemos que a poesia tem a ver fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção”, fazendo parte da gênese de um povo. Candido (2006, p. 19) afirma, por sua vez, que “a poesia foi até os tempos modernos a atividade criadora por excelência, pois todos os gêneros nobres eram cultivados em verso”. E também Edgar Morin (2014, p. 45), pensador francês, considera a poesia mais que a literatura, pois “leva-nos à dimensão poética da existência humana”. Nessas três vozes, a poesia encontra-se bem sintonizada, ocupando um lugar na vida humana em diferentes povos e épocas, pois é vista “como atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (CANDIDO, 2006, p. 19).

Com efeito, os sentimentos engendrados e poeticamente manifestados no seio de um povo se firmaram primordialmente numa tradição poética centrada na oralidade, perpassando pelos diferentes modos de pensar, de criar, de transmitir o poema, e ainda de mantê-lo na memória pela força e sensibilidade desse mesmo povo. A poesia expressa as sutilezas da alma e revela as experiências humanas de um modo muito especial, por meio de imagens e metáforas, que dão à linguagem uma face nova, única e reveladora. Essa tríplice face da linguagem poética causa no leitor uma experiência sempre renovada, à custa de assombrosa sensibilidade presente em quem escreve e em quem lê.

“Ao viver das camadas mais profundas do ser” (PAZ, 2012, P. 48), porque trata de estados de alma, a poesia é “veículo do sentimento”, esclarece Eliot (1991, p. 30), e traz seu enunciado em códigos, carecendo de decifração/interpretação. Interpretar é algo precioso no campo literário, pois, escreve Bosi (1988, p. 274), “as palavras não são diáfanas. Ainda quando miméticas ou fortemente expressivas, elas são densas até o limite da opacidade”. Há na poesia

uma mensagem que precisa ser decifrada, pois é criada pelo “movimento da imaginação” (BACHELARD, 2001, p. 04). É preciso acompanhar e entender esse movimento.

Na verdade, cada palavra na poesia tem variados significados que dão ao poema um encantamento, de tal modo que arrebatam o leitor de seu comodismo habitual, porque as palavras voltam ao seu estado natural, o poético. E nesse estado, o poeta experimenta a linguagem, brinca com elas, como fez José Paulo Paes (1997) e tantos outros; o poeta brinca, incomoda e radicaliza a sociedade, com suas criações inusitadas e aparentemente indecifráveis. E para quê? O poeta se presta a essa atividade sublime para nos mostrar outras verdades, outras formas de viver, sentir, criticar, amar e morrer. Perrone-Moisés (2000, p. 33) relata que “a abertura do sentido, na poesia, é um luxo doado a todos os homens, o direito a todos os desejos e a todos os futuros, a contracorrente do sentido único, da ética oficial, dos governos e das finanças”. A poesia nos mostra a linguagem fora de sua circulação ordinária e a verdade que ela expressa é uma “realidade de valor” (PERRONE-MOISES, 2000, p.32).

Nessa mesma direção, Humberto de Campos, no texto *Auctor opus laudat*, datado de 1929, publicado no livro *O Conceito e a Imagem na Poesia Brasileira*, em 1960, se refere a duas formas artificiais ou cerebrais, chamadas de conceito e imagem, afirmando ser a verdadeira expressão da poesia: “a imagem dá extensão ao pensamento. O conceito dá-lhe profundidade” (CAMPOS, 1960, p. 07). Essas formas conseguem oferecer ao ambiente poético “brilho, vigor e majestade”, assegura Campos (1960, p. 07), para assim compreender a “realidade de valor”, tratada por Perrone-Moisés (2000). Ao nos deter no texto poético, observamos o ornamento do texto pela imagem e a profundidade pelo conceito. E para compreender as imagens e a profundidade que o texto evoca, faz-se necessário, assim considerou Bosi (1988), “o trabalho de interpretação”, que deve ser realizado de forma cuidadosa pelo leitor.

É no terreno imagético que a poesia se instala e se concebe. É a criatividade que faz nascer o universo sonhado do poema. O poeta cria, sonha e não cessa de imaginar porque é “sonhador de palavras”, para usar uma expressão de Bachelard (1988). Seu mundo é o mundo da linguagem, “para bem sentir o papel imaginante da linguagem, é preciso procurar pacientemente, a propósito de todas as palavras, os desejos de alteridade, os desejos de duplo sentido, os desejos de metáfora” (BACHELARD, 2001, p.03). A poesia é capaz de modificar as estruturas formativas do ser humano e de desenvolver sua dimensão poética, pelo poder da linguagem (MORIN, 2014) e pela força da imaginação. Sua força criativa causa impacto no

pensamento do leitor, que se sente provocado a interagir com seu próprio universo afetivo e com o dos outros. Tal experiência formativa possibilitada pela poesia não pode ser furtada do leitor.

Há na poesia uma lógica, uma verdade, mesmo prevalecendo em seu conteúdo a ficcionalidade, a *poiesis*, o fazer criativo, “a viagem imaginária”, como anuncia Bachelard (2001). A verdade do poema encerra uma verdade criativa integrada à lógica, pois sem a qual não seria comunicável, revela Merquior (1965, p. 155), nem anunciada por um eu poético, denominado por Hamburger (1986, p. 168) de “sujeito de enunciação”. O que faz esse sujeito? Anuncia o mundo interior, entra no campo da subjetividade, uma vez que “o artista cria formas, empregando a linguagem como material e instrumento para sua configuração, do mesmo modo que o pintor usa cores e o escultor, pedras” (HAMBURGER, 1986, p. 168). É a linguagem que revela as experiências subjetivas criadas pelo poeta. Eliot (1991, p. 31) afirma que o poeta tem uma relação indireta com seu povo e direta com sua língua, “ao exprimir o que outras pessoas sentem, também ele está modificando seu sentimento ao torná-lo mais consciente; ele está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias”.

De fato, a poesia nos leva para a esfera do sentir, para o contato com as mais diferentes emoções, que nos integram ao universo dos sentidos. Octavio Paz (1994) aludiu à poesia como “o testemunho dos sentidos”, aliando as imagens aos sentidos.

A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo. Os sentidos, sem perder seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação e nos fazem ouvir o inaudito e ver o imperceptível (PAZ, 1994, p. 11).

A imaginação e os sentidos são elementos constitutivos do fazer poético tecido no campo das emoções. A poesia é a via de acesso aos devaneios e às percepções, pelos olhos da alma, aos afetos, aos encontros, pela permanência infinita do aqui e do agora. “O poema é uma possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo ou sua disposição. Pois bem, o poema é apenas isto: possibilidade, algo que só se anima em contato com um leitor ou um ouvinte” (PAZ, 2012, p. 33). Assegura ainda Paz (2012, p. 33) que “a leitura do poema tem grande semelhança com a criação poética. O poeta cria imagens, poemas; e o poema faz do leitor imagem, poesia”. A poesia e o leitor estão imbricados e a relação que o

leitor vive de *estado de poesia* precisa ser ressignificada no espaço da sala de aula, onde o leitor deve ter seu gosto estimulado para o encontro com o poema, “a possibilidade”.

Poesia e autoria feminina

É oportuno discutir a poesia no epicentro do ensino, ponto-chave de nossa reflexão. Suas especificidades nos fazem vê-la como um gênero capaz de manter relação com outras áreas do conhecimento, promovendo assim interação com outras formas discursivas, também detentoras de um pensamento, que prima pela emancipação do homem. Contudo, a realidade que permeia a poesia no âmbito do ensino tem sido de descaso, pois se encontra quase banida das agendas de leitura em sala de aula, sobretudo “numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, a disciplina literária sofreu rebaixamento” (PERRONE-MOISÉS, p. 70). A pesquisadora Neli Edite dos Santos, ao analisar os PCN (BRASIL 1998), em sua tese *Oficinas Poéticas com jovens, adultos e idosos: travessia(s)* (2019), também verifica “sob um primeiro olhar, a Literatura como campo figura no documento de forma um tanto precarizada se comparada a outros campos específicos” (SANTOS, 2019, p. 25). Percebemos, portanto, que o saber que emana da poesia é ignorado pelo atual sistema capitalista, que investe apenas “em aprendizagens para fins lucrativos” (PAZ, 2009).

Ler poesia, portanto, não tem sido uma atividade recorrente na sala de aula. A evidente resistência por parte de alguns alunos e também de professores pode estar associada à falta de “serventia” da poesia. Para que mesmo ela serve, se nada nos promete nem nos oferece nenhum prêmio imediato? Hélder Pinheiro, professor e pesquisador da UFCG, discute sobre a situação da poesia na escola e afirma que “de todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula. Pesquisas mais antigas e também recentes apontam sempre certo distanciamento entre o leitor escolar e o gênero lírico” (PINHEIRO, 2018, p. 11). A importância dada à literatura, em geral, e à poesia, em particular, por pesquisadores, professores e críticos, como Antônio Candido em *O direito à literatura* (2011) e *A literatura e a formação do homem* (2012); Roland Barthes em *Aula* (2013); João Alexandre Barbosa em *Literatura nunca é apenas literatura* (1994); Leila Perrone-Moisés em *Literatura para todos* (1996); Rildo Cosson em *A formação do professor de literatura: uma reflexão interessada* (2013), entre outros, se contrapõe com a forma hostil que o atual sistema

de ensino tem adotado, com seus modelos esquemáticos e fragmentários que destroem o interesse pela leitura de poesia.

Se a poesia consiste também em comunicar, como afirmou em versos Mário Quintana (2005): “poesia é comunicação... a sós”, também Eliot (1991, p. 29) ao escrever que “há sempre comunicação de alguma nova experiência”, e ainda Merquior (1965) ao aludir “a finalidade comunicativa da poesia”, para ficar apenas nesses três autores, ela deveria estar nos programas de ensino durante todo o ano letivo, justificada primordialmente como uma experiência comunicativa imprescindível na vida de qualquer indivíduo e ainda “como categoria privilegiada de criação espiritual”, como assegura Candido (2006, p. 18). Boa parte dos leitores ainda não se deu a conhecer a força assombrosa advinda da poesia. Apesar de algumas pesquisas mostrarem “as múltiplas possibilidades da experimentação estética na escola”, como fez a pesquisadora Neli Edite dos Santos (2019, p. 28), por meio de oficinas poéticas, com seus alunos da EJA, que “se deslocaram de uma condição incapacitada para a condição de criadores, mobilizando, destacadamente, a riqueza de suas memórias e de sua inventividade, aceitando pactuar o desafio da composição estética” (SANTOS, 2019, p. 139), outros alunos sem acesso ao texto literário não conseguem ter tal experiência com a linguagem poética, nem perceber o saber transformador que emana dela, pois “a poesia transforma a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens” (PAZ, 2012, p. 31) e, que, portanto não sentem falta dessa experiência.

Outra coisa que se encontra no centro de nosso pensamento é a autoria feminina, que muito pouco ocupa lugar na sala de aula. Se quase não existe um lugar para a poesia, possivelmente por seu caráter ora transgressor, ora hermético, ora de forte tendência irônica, o que se dirá da autoria feminina, já tão posta em descrédito? Por que a poesia escrita por mulheres não chega à escola? Pinheiro (2018, p. 121) reflete: “É preciso que se diga que muito pouca poesia feita por mulheres chega à escola, com exceção, talvez, de Cecília Meireles”. Temos visto que são muitas as mulheres que escrevem, mas poucas as que são lidas e estudadas. E por que esse quadro ainda se mantém? Acaso, seria simplesmente por ser de autoria feminina?

É preciso que nós pensemos nessa realidade numa vertente mais politizada, ligada não somente ao uso exclusivo do livro didático, que pouco aborda a poesia de autoria feminina, como fora verificada nas cinco coleções datadas de 2016, a saber: *Interlocução e Sentido; Se Liga na Língua; Português Trilhas e Tramas; Novas Palavras e Veredas da Palavra*, mas também à postura crítica do professor ao escolher o quê, por quê e como será lido o texto de autoria feminina. Vemos quão ínfimo é o espaço dado à poesia, embora seja o livro didático

permanentemente revisto e atualizado, continua privilegiando determinados gêneros, regiões, classes e raças, e subtraindo muitas produções. Por conseguinte, um plano de leitura deve ser pensado/modificado sobre a poesia de autoria feminina e, para introduzir/intermediar essa discussão na escola, o professor enfrentará muitos desafios em relação ao currículo e à própria política da escola.

A produção literária de autoria feminina tem se expandido nos últimos vinte anos. As mulheres escrevem, mas nem todas conseguem visibilidade. As do século XVIII, pouco conhecemos. Quem foi, por exemplo, Bárbara Heliodora e Rita Barém? No século XIX, pouquíssimas mulheres ganharam destaque, como a poetisa parnasiana Francisca Júlia, mas não o suficiente para não cair no esquecimento, como também ocorrera com a cearense Emília Freitas. E as do século XX, o que nós arriscaríamos a dizer? O que sabemos sobre as três poetisas eleitas para esse estudo, Regine Limaverde, Aila Sampaio e Hermínia Lima? Verdaderamente, há de se pensar que não são apenas as questões estéticas, mas de gênero, raça e classe social, a promover a ascensão e/ou o declínio delas.

Sobre diferentes temas, as mulheres sempre escreveram, entre eles a temática erótica, que se tornou instrumento de liberdade no processo de escrita da mulher, que luta cotidianamente para se libertar dos liames sociais. Se a criação literária, para a autoria feminina, foi ato de ruptura, a temática erótica foi ato de libertação e emancipação. As mulheres vivem atualmente sob uma demanda social e política, que elas têm condição de atender, não para satisfazer seu ego, o que já seria uma solicitude incontestavelmente aceita, mas para assumir um posto que as identifique na sua diferença e que as respeite na sua diversidade. Escrever é um ofício humano, logo quem tiver interesse e habilidade pode desenvolvê-lo. Determinar a escrita como atividade exclusiva do homem, como fizera no passado, e incapacitar a mulher nesse intento é um ato de estupidez e arrogância. As mulheres, contudo, não se inibem perante as tentativas de hostilidade e se posicionam fortemente, transgredindo as determinações culturais e sociais de cada época e, assumindo uma consciência política.

Ingressar na escrita foi uma atitude de enfrentamento e de transgressão que as mulheres assumiram. O preço foi e ainda é altíssimo, basta considerar o sofrimento de muitas delas que tiveram que viver no anonimato, temendo mostrar seu rosto, sua voz, seu corpo e sua escrita, uma vez que seus textos, invariavelmente eram submetidos a uma supervisão masculina e, por conseguinte, a reprovação. De acordo com Gilberto Araújo (2014, p. 14), “os livros escritos por mulheres não deveriam ultrapassar o cerco do lirismo cheiroso e bem-comportado. Melancolia,

tristeza e languidez eram as qualidades preferencialmente esperadas, devendo a alegria e o viço serem canalizados para o lar e a família”. Para exemplificar, citamos Emília Freitas, com seu livro de poesia *Canções do Lar*, de 1891, que pelo título podemos supor a abordagem “para o lar e a família”; a parnasiana Francisca Júlia; a simbolista Júlia Cortines e também o espiritualismo religioso de Auta de Souza, que teriam aparentemente o “lirismo cheiroso e bem-comportado”. Entretanto, Francisca Júlia ainda se arriscou a escrever o poema “Dança de Centauros”, pertencente ao livro *Mármore*, de 1895, que traz liberdade e ousadia em suas imagens “livres dos freios”, “nuas” e “pompeando à luz a brancura dos seios”, como a desafiar, mesmo timidamente, o poderio masculino, que não permitia que as mulheres fugissem ao “padrão bem-comportado”, pois arriscaria sua moral a um estado de depravação e desestruturaria “as regalias” concedidas pelas convenções sociais (religiosa, filosófica, política e jurídica). De que modo as mulheres enfrentaram todos esses ditames sociais e políticos para escrever sobre temas não habilitados para elas, como o desejo, o corpo e a sexualidade feminina?

Desde a mais remota época, transgressões ocorreram por alguma ou outra mulher, como a poetisa Safo de Lesbos (630-604 a.C), com seus poemas eróticos, também Hipatia de Alexandria (370-413 d.C), professora e filósofa, com seus ideais científicos e ainda Joana D’Arc (1414-1431), heroína francesa, com seus grandes feitos, apenas para contextualizar. Ao olhar na direção de si mesma, a mulher se enxergou e viu que tinha um corpo, apesar de não ser ainda todo seu; que tinha uma voz, apesar de ser pouco ouvida; porém tinha uma consciência que começava a ser despertada/formada. Essa descoberta de si mesma causou muitos incômodos. Foi todo um processo de conscientização que as mulheres vivenciaram e ainda vivenciam, a partir de suas histórias de vida, para se perceber na sua condição humana, como donas do seu corpo e dos seus desejos, de sua escrita e de seus devaneios, como nos versos: “Corpo adentro, tu respondes ao meu chamado, / viajas comigo num grito incontido, / como quem rasga distâncias e, qual um menino, / chegas ao paraíso prometido” (SAMPAIO, 2012, p. 95). O paraíso prometido é metaforicamente a excitação do corpo na antevisão do gozo. Segundo Xavier (2007, p. 157), “trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica”.

As mulheres cultivaram a escrita como forma de luta e de resistência, que, se não lhes foi propício o tempo todo esse exercício, ao menos lhes concedeu possibilidades de descobrir e

de experimentar sua capacidade criativa. Elas assumiram uma *persona* desafiadora ao escrever sobre corpo, sexo e desejo, como lemos nos versos de Hermínia Lima (2002, p. 77): “sobre teu corpo / debruço-me / escorrendo mãos por montes / de relva negra”. O corpo suscita uma eroticidade ao contato do eu poético e na imagem dos “montes de relva negra”, representando a genitália do amado ou da amada. No poema “Escaninhos”, da mesma poetisa, vemos a presença dessa eroticidade, já bastante acentuada, ao retratar o corpo no contato com outro corpo, como nos versos: “andas a vasculhar segredos / em todos os escaninhos deste corpo, / a garimpar relíquias ocultas nas grutas / onde dedos, abrindo conchas, catam pérolas” (LIMA, 2013, p. 15). O corpo, como repositório do desejo, se torna cada vez mais voluptuoso ao descobrir em que zonas se encontram as “pérolas”, possível metáfora do próprio desejo.

As mulheres fortemente inclinadas a romper com tudo aquilo que prejudicava sua existência, fizeram da transgressão sua carta de alforria. Pois bem, como elas exercitaram essa liberdade? Elas escreveram, teceram seu destino, expuseram poeticamente seus desejos mais íntimos, interligando o erotismo e a poesia, entendido por Octavio Paz (1994) o primeiro como uma “poética corporal” e a segunda como uma “erótica verbal”. As mulheres têm construído outro estatuto social cuja representação se configura nas vivências, nos diferentes modos de sentir a vida, engendrando um processo de libertação, como podemos ler mais uma vez nos versos de Aila Sampaio (2012, p. 105): “vontade de ti como, no verão, / de um mergulho: / o corpo em chamas pedindo água. / Secos os rios e olhos ... / Já nem choro, só o coração lateja / descompassado sob o peito que arde”.

Ao olhar para a poesia erótica de autoria feminina, vemos uma atualização das figuras míticas de Lilith e Eva quanto às regras que lhes foram impostas. Porquanto, ao modo daquelas, teriam dito os homens às mulheres que esse mundo da escrita não lhes pertenceria, mas consentiriam que elas escrevessem, sendo-lhes, portanto, proibidos alguns temas. Cansadas de viver sob regras, privações e consentimentos para isto ou aquilo e inconformadas com o tratamento desigual que lhes foi dado, elas reagiram contrariamente por meio de uma escrita que se abre ao desejo, evocando as sensações libidinosas, produzidas num imaginário erótico que agrega os sentidos, como nos versos: “em cada pedaço do meu corpo / sinto teu cheiro. / Meu corpo, emaranhado de emoções, padece à tua espera. / Braços, pernas, sexo tremem quando me faltas. / Já és um vício em mim” (LIMAVERDE, 2017, p. 53). Percebemos que a escrita do desejo foi um movimento de reação. A matéria que foi duramente proibida foi a que lhes deu a possibilidade de falar de si mesmas e de sua potencialidade. Vale enfatizar que Eros,

deus grego do amor, filho de Afrodite e Marte, não é a imagem do mal, do pecado, mas do amor, da continuidade, da integração e de interligação da vida.

Há uma consciência que precisa ser continuamente desenvolvida e que possibilite questionar sobre o lugar da mulher na sociedade. Isso leva ao empoderamento² de muitas mulheres, que a partir de sua realidade concreta, tiveram a iniciativa de criar estratégias para o empoderamento de si mesmas. Berth (2018, p. 27), ao refletir sobre os processos de empoderamento, traz o pensamento de Paulo Freire, educador brasileiro, que pensou na década de 60 a “Teoria da Conscientização”, afirmando não ser necessário dar ferramentas para nenhum grupo se empoderar, tal processo se inicia com a consciência crítica da realidade aliada a uma prática transformadora.

É nesse expediente de consciência crítica que as mulheres têm desenvolvido práticas transformadoras e assumido seu protagonismo, sobretudo quando lançam mão de uma escrita que integra as mais diversas experiências de vida. É o que poeticamente faz Aila Sampaio (2012, p. 97) nos versos: “Leves os teus dedos pela minha pele, / entre os pelos, entre os planos desfeitos / e refeitos / arrancando-me gemidos, certezas, / dádivas, dúvidas”. Os versos mostram uma experiência do corpo, do desejo, do tato, da voz, dos sentidos. As palavras dedos, pele, pelos demonstram a ambiência erótica, reforçada ainda mais pelos pronomes possessivos *teus* e *minha*. Esse enleio alcança refinamento no verso, “arrancando-me gemidos”.

Nesse âmbito de vivências e transformações, o pensamento se constrói e se revela não mais sob a égide do homem. As mulheres têm agora seu próprio escudo e definem sobre qual temática querem escrever. Tomando essa linha libertária, muitas mulheres encontraram entusiasmo e criatividade na tessitura de textos cujas temáticas têm sido uma espécie de renovação do fazer literário. A temática erótica desenvolve uma *poiesis* firmada na imaginação, agente que move o erotismo e a poesia, como assegura Paz (1994). O fazer erótico literário mescla criatividade e sensibilidade num mesmo ritmo, promovendo um lirismo que se enuncia na sua extensão e profundidade. Diante do exposto, vemos que falta a muitos leitores o conhecimento dessa face imaginativa e lírica sobre a qual as mulheres tendem a escrever. Essa falta pode ser suprimida se houver a inserção desses temas em sala de aula, adotando como

² O conceito de Empoderamento utilizado neste trabalho é o que se encontra nas reflexões de Joice Berth, como “instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre os indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários” (BERTH, 2018, p. 14).

proposta metodológica atividades de leitura a partir de uma perspectiva interpretativa, aluno e poesia em diálogo.

Considerações Finais:

A vivência com a poesia nos causa enleio, reacende possibilidades de encontro e anuncia que a vida está para além das migalhas de pão que caem da mesa, que a rotina é apenas um jeito que inventaram para não pularmos o abismo. No entanto, alguns mais ousados pularam e transformaram seu tempo ordinário em fantasia, que é o melhor dos tempos, e sobreviveram. Talvez nós sejamos sobreviventes. Os pesados fardos, a depender de que ângulos sejam vistos, nos permitem outras experiências num tempo que não se parte, apenas se vive anelado aos outros seres. Porque tudo é vida, e por ser vida, a poesia sabe, numa “linguagem que fere e seduz” ao mesmo tempo, a lembrar Barthes (2004), e assim, expressar as mais estranhas formas de nossa humanidade.

Diante desse universo caótico e assombroso no qual vivemos, nada mais nos alivia do que a poesia. E aqui nesse texto, trouxemos três poetisas cearenses: Regine Limaverde, Aíla Sampaio e Hermínia Lima, para conhecimento do leitor e para possíveis leituras em sala de aula. Nessas vozes há um pensamento criativo e comunicativo de natureza transgressora, que a escola precisa apresentar aos alunos e construir momentos de debates e de descobertas do texto poético.

Eros anuncia seu reino. Bendita é a poesia que Eros propaga. Bendito é o fruto (o imaginário) do qual nasceu o amor e plenificou a vida. Bendita é a poesia nascida do ventre das mulheres que acendem a escuridão desse mundo. Benditas todas as mulheres que escrevem e que deixam sair de sua pena seus saberes sintonizados numa única e maravilhosa voz, a voz da poesia representada nos versos de tantas mulheres e aqui pela poetisa Regine Limaverde: “O sol que dói em meus olhos, ao te contemplar / arde também na minha pele. / E fogo / desce ladeiras / até as minhas entranhas. / Sou brasas. Queimo-me” (2017, p. 57). Que tal o leitor experimentar o leito de Eros, deixar ser guiado por ele e conhecer a língua do amor na escrita de autoria feminina? Tal experiência, se assim o leitor se permitir, há de provocar “possibilidades” no encontro com o poema e desejos para ampliar o repertório de leitura.

Referências:

- ARAUJO, G. **Gilka Machado: corpo, verso e prosa**. Conferência proferida na ABL, em 10 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.academia.org.br/node/20177>. Acesso em 19 de janeiro de 2020.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BOSI, A. **Céu, inferno. Ensaio de crítica literária e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- CAMPOS, H. **O conceito e a imagem na poesia brasileira**. São Paulo: Editora Brasileira Ltda. 1960.
- CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. 5ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- ELIOT, T. S. **De poesia e poetas**. Tradução e prólogo Ivan Junqueira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- HAMBURGER, K. **A lógica da criação literária**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- LIMA, H. **Sendas do sacrário**. Fortaleza: Imprece, 2013.
- _____. **Sangria Azul**. Fortaleza Imprensa Universitária- UFC, 2002.
- LIMAVERDE, R. **Dentro de mim, o mar**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- MERQUIOR, J. G. **Razão do Poema: ensaios de crítica e de estética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- PAES, J. P. **Poemas para brincar**. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

PAZ, O. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. **Signos em Rotação**. Tradução Sebastião Uchoa Leite; organização e revisão Celso Lafer e Haroldo Campos. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERRONE-MOISÉS, L. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Mutações da Literatura no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

QUINTANA, M. **Espelho Mágico**. São Paulo: Globo, 2005.

SAMPAIO, A. **De olhos entreabertos**. Fortaleza: Littere Editora, 2012.

SANTOS, N. E. Dos. **Oficinas poéticas com jovens, adultos e idosos: Travessia(s)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.634>. Acesso em 07 de junho de 2020.

XAVIER, E. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Artigo recebido em: 20.04.2020

Artigo aceito para publicar em: 24.05.2020